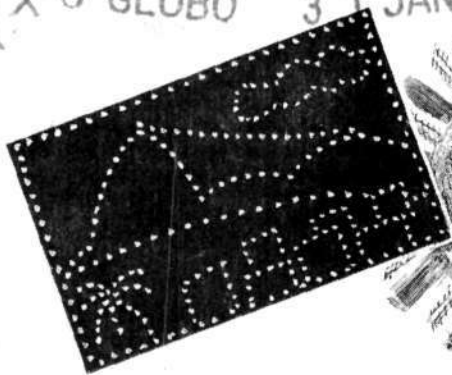


Rio: Gente boa

O GLOBO

31 JAN 1993



JOSÉ SARNEY

Não há no Brasil quem não tenha uma fascinação e ternura pelo Rio. O Rio foi e será sempre uma síntese do jeito de ser brasileiro. Há dentro de cada um de nós um pedaço do Rio. Quem nunca o visitou tem, entre suas aspirações e desejos, ver o Rio, a sua paisagem, o seu mar, suas montanhas e praias, diferentes de todas, porque têm aquilo que ficou entre o real e a fantasia, as garotas de Ipanema, Leblon, Copacabana, Barra e tantas outras que a elas se associam: a sedução, a música, a sensualidade e a busca de aventura.

Mas há dentro desse Rio imaginável e real um inconfundível mistério que é a alma do Rio de Janeiro.

Essa alma carioca é feita da alegria mais pura e do mais inesgotável devaneio. É uma visão do lado humano e das coisas boas da vida. É o gosto da convivência e a vivência de um tipo de amizade que não é amizade, mas é ser amigo, o "meu chapa", "meu querido", "gente boa", "gatinha", "benzinho", "neguinha", "filha", "meu xará", "chegado", "meu garoto", "gente fina", e toda expressão de ternura que se metaforosoa e se cria e recria nas rodas de conversa em que todos se misturam, juntam-se e somem no gingado da conversa e da desconversa. Definir o Rio? Ninguém define. Porque o Rio, como uma rosa, é o Rio, é o Rio, é o Rio.

Por que acontece tudo isso? Porque falar do Brasil é falar do Rio de Janeiro. De seus defeitos e de suas grandes virtudes. A História do Brasil passa toda ela pelo Rio de Janeiro. Assim como se diz que a Revolução Francesa de 1789 é parisiense, a História do Brasil deixa em todos os momentos marcas cariocas. Até a confidência, para ficar eterna, pegou o Rio para o cenário da Cadeia Velha, onde a crueldade faria de Tiradentes, não o herói fanático e louco, mas o mártir da Independência.

Por isso mesmo, pelo espírito do Rio e sua simbologia intrigante duas coisas: a violência e o fato de a política do Rio ter-se afastado destas raízes, escolhendo tantas vezes e em grande parte, com exceções, é óbvio, aqueles que parecem não amar aquilo que a cidade tem para ser amado: o próprio Rio, que é nacional porque é regional e, sendo regional, é a mais universal de todas as nossas cidades. A violência é o anti-Rio, é a negação do Rio, que é a cidade da convivência e não da força, que convida ao amor e não levanta altares à briga, à força, ao trabuco, à degola.

O Rio é uma cidade que preza a transcendência do espírito, que abre espaços ao gosto pela cultura, seja ela popular ou erudita. Aqui começara, todas as dúvidas ideológicas do país e as polêmicas que iriam cristalizar-se em todos os recantos desta imensa pátria.

Por que o Rio ficou mudo, dando essa aparência de apatia e voltado para essa mesquinha personificação de um cotidiano medíocre? Onde está a capital cultural do país, germinando talentos e idéias? Até o samba, o samba ca-



rioca, o samba nacional que encontrou seu habitat nos "morros mau vestidos", parece que está impostado, ele que precisou do gênio do Rio, de gingado e da picardia do seu povo para ser música, dança e ritmo, e nos seus volteios sensuais ser um convite ao pecado.

Fico contente quando vejo o prefeito César Maia despertar em todos nós aquilo que julgávamos impossível de recuperar: falar de uma cidade que vai renascer maravilhosa, um convite a restaurar mais do que cidade e tratá-la bem, cuidar de seu espírito, o Rio dos brasileiros.

Fala-se muito que o mal do Rio foi a mudança da capital para Brasília. E verdade, a sua pompa e circunstância desapareceram com a partida do poder. Porém não era o poder que fazia o Rio, e sim o Rio que dava um grande charme ao poder no Brasil. A sua separação, isto é, o Rio do poder, fez com que perdesse as glórias do mando, mas bem é verdade que o poder, ou melhor, a capital fora daqui ficou nostálgica dos encantos da Cidade Maravilhosa e durante muitos anos Brasília era a lamentação da falta dos encantos do Rio. Falava-se dos distúrbios psicológicos que causava a nova capital, a neurose da solidão, o isolamento do Planalto. E tudo nada mais era do que saudades do Rio de Janeiro... É quase nome da valsa...

Doce Rio que hoje é amargo, na visão da violência e da rudeza! Que desejo têm os brasileiros de vê-lo voltar a sua glória antiga, no canto de seus cantores e poetas, sonhadores e artistas, políticos a inspirar caminhos de salvação e vangelizadores de tempos que jamais voltarão.

Há uma virada de olhar de todos os cantos do Brasil para as mudanças que se anunciam no Rio. O Brasil torce para que se tornem realidade e se possam ouvir as serenatas dos boêmios da velha cidade sem o medo dos assaltos, e olhar as luas e as estrelas, não no céu, mas nas praias e lagoas, no gosto da vida e não na boca da morte.

Vamos voltar a ver o sorriso do Cristo Redentor.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.